

Júlia Matos

**LUCIEN FEBVRE E O
REFORMADOR**

A Reforma Protestante e as conseqüentes mudanças que ocasionou na mentalidade do mundo ocidental deixaram também suas marcas na historiografia. O desenvolvimento cultural da Europa no século XVI era levado pelas doutrinas filosóficas, religiosas, e políticas. Mas as mudanças iniciaram com um sentimento de descontentamento, frente às indulgências cobradas e à corrupção da Igreja Católica. As 95 teses de Lutero, pregadas nos portões da Igreja do castelo em Wittenberg, em 1517, foram a expressão máxima desta indignação. A doutrina cristã fragmentou-se. As sociedades dirigidas por ela passaram a questionar seus governos. As bases estruturais da sociedade entraram num processo de transformação. Em alguns estados, ocorreu o fortalecimento do Absolutismo. Na filosofia, houve um incremento da especulação do poder político e uma exaltação da razão. A Reforma, em seu término, havia adentrado em todos os aspectos da vida do homem europeu, influenciando a produção histórica no decorrer de seu percurso.

Muitos foram os historiadores a pesquisarem este fenômeno. Os trabalhos não cessaram de aparecer, desde o acontecimento de 1517, até os dias atuais. Diversos aspectos foram abordados, como os fatores econômicos, e as possíveis fraquezas do Reformador. Mas nenhuma obra

tinha abordado a face humana de Martinho Lutero, seus sentimentos e conflitos. Lutero, como causador de uma transformação da sociedade cristã, em seus dogmas e maneira de viver, foi considerado algumas vezes santo, e outras demônio. Lucien Febvre, um historiador que problematizava seus objetos, não concordou com a interpretação histórica sobre Lutero, feita até 1927. Publicou seu livro *Martinho Lutero, um destino* em 1928, uma das obras de abertura de seu combate por uma renovação nos métodos históricos de investigação. Lucien Febvre produziu esta obra para o leitor europeu, não somente para todos os profissionais e alunos da área de história, mas para todos os apaixonados pela reforma. Assim sendo, façamos do questionamento de Carlos Guilherme Mota o nosso: “Por quê, entretanto, promover a leitura de Febvre?”¹ Pode-se concordar com sua resposta. Realmente, a pergunta somente se ajusta a um leitor descuidado de Febvre. Lucien Febvre foi um historiador de alma, um revolucionário de espírito.² Em “...cada página de sua obra, ressaltam o dom, o temperamento do grande historiador.”³

Lucien Febvre nasceu em 1878. Formou-se historiador em Nancy, doutorou-se em Paris. O período era de hegemonia da *Escola Metódica*, exaltação da preocupação com a erudição, privilegiando a dimensão política. Em 1919 ingressou como professor na Universidade de Estrasburgo, onde encontrou ambiente e colegas dispostos a realizar o projeto de sua vida, a revista *Annales*. Transferiu-se para Paris em 1933, convidado pelo Colège de France. Com ele, também a revista mudou sua sede. Febvre foi pesquisador assíduo, publicou obras reconhecidas como *O problema da Descrença no Século XVI, a Religião de Rabelais; Honra e pátria*⁴, e, *Martinho Lutero, um destino*. Além de mais de mil artigos e resenhas publicadas em vinte anos da revista.⁵ De acordo com Fernand Braudel, sua vida foi dedicada à paixão pela história. Em sua intensidade de historiador foi leitor de Durkheim, Levy-Bruhl, Marcel Mauss, François Simiand, Weber e Marx. Ele soube construir sua visão histórica, um “...revolucionário de coração e espírito, mas ao mesmo tempo tão estreitamente fiel aos múltiplos elos tradicionais.”⁶

Lucien Febvre prosseguiu, através da sua investigação e ensino, uma obra de especialista do século XVI. Nos seus principais livros, cultiva o gênero tradicional da biografia ao mesmo tempo em que confronta o seu ‘herói’ com a sociedade do seu tempo; desliza da reflexão sobre um personagem ilustre para a exploração das mentalidades coletivas. Encontra-se esta atitude em *Martinho Lutero, um destino* (1928) (...).⁷

A história formulada pelos artigos veiculados pela revista *Annales* foi reformulada por seus historiadores com o passar das décadas, pelos novos problemas surgidos posteriormente. Mas a obra de Febvre continua sendo referência para os historiadores atuais contendo “(...) muito a ser descoberto.”⁸

Em sua obra *Martinho Lutero, um destino*, Febvre revela a amplitude do seu universo de pesquisa, e como pode ser o diálogo do historiador com outras disciplinas. Trabalhou à luz da historiografia tradicional; com uma análise psico-histórica, produziu uma obra original. Segundo estudiosos da obra de Febvre, em seu *Martinho Lutero, um destino*, ele coloca o problema fundamental das relações entre o indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social. Lucien Febvre transformou Lutero em espelho de sua sociedade. De acordo com Peter Burke, nesta obra, Febvre não reduz as idéias de Lutero a um mero reflexo dos interesses da burguesia comercial, como o Reformador havia sido interpretado por outros autores. Mas se contrapõe a esse enfoque defendendo as transformações das idéias de Lutero, adaptadas às necessidades e à mentalidade da burguesia, pelos discípulos de Lutero, especialmente por Melanchton, discípulo e amigo do reformador.

Os objetivos desta obra estão claros ao leitor. Lucien Febvre os elucida claramente. Desde seu primeiro prefácio já os apresenta, argumentando que não pretende fazer um trabalho de biografia, mas uma investigação, uma recuperação da dimensão humana de Martinho Lutero. Na conclusão de seu livro, Febvre afirma que não buscou julgar Lutero, mas apenas prolongar e apreciar este destino póstumo. Uma obra de extrema importância, para o leitor interessado pela reforma e por Martinho Lutero. Em seu livro, Febvre analisa diversas obras clássicas sobre Lutero, e em todo seu texto confronta o trabalho que está realizando com os clássicos já realizados. Febvre produziu uma obra ímpar: expõe o reformador em sua humanidade, sentimentos, conflitos, falhas e vitórias. Nesta obra, o historiador trabalha a “aparelhagem mental” do reformador e o arcabouço das estruturas mentais da Alemanha à época. Febvre utilizou diários de seguidores luteranos, cartas de Lutero, obras publicadas a respeito, dicionários. Seu referencial teórico trás em si sua problematização. Febvre fundamentou sua tese em todos os textos que utilizou, diretamente na obra. Ele não fez um trabalho de especulação, mas uma investigação sustentada por provas documentais, realizando uma pesquisa bem fundamentada. Em sua argumentação, o historiador francês sustentou a dimensão humana do reformador, que chegou a chocar seu discípulo mais querido Melanchton: sua força e crença, sua indignação, uma série de sentimentos, desvendando traços culturais do século XVI.

Martinho Lutero, um destino, é dividida em três partes. Cada uma das partes expõe um Lutero diferente. A primeira parte apresenta um Lutero jovem, perdido e esperançoso. Na segunda parte apresenta o homem revoltado com as injustiças da Igreja, e extasiado diante de sua descoberta sobre a salvação. É o fim da imagem do homem atormentado pelo pecado e o início da imagem do homem forte, realizado pelo alcance de sua salvação, ansiando por revelá-la a todos. A terceira e última parte traz ao leitor o homem maduro, que, frente aos acontecimentos, acaba

contradizendo suas próprias pregações e escritos. A obra revela um reformador vencido pelos acontecimentos, com um sentimento de fracasso diante das posições reacionárias da Igreja Católica. Um homem sem consciência da profundidade de suas palavras. Palavras que entraram na alma dos alemães e permaneceram para a posteridade, mantendo para sempre sua história.

Os subtítulos que compõem as três partes da obra facilitam a compreensão do leitor, auxiliando na análise dos fatos bem como das mudanças na personalidade e amadurecimento de Lutero. A imagem patriótica de Lutero está bem presente em toda a obra. Este é um tema que apaixonou Febvre por toda sua vida de historiador, tendo deixado inacabada uma obra sobre o sentimento de nacionalismo e honra. Desde o prefácio deste livro, o historiador revela-se orgulhoso pela obra, por ter alcançado os resultados que buscou. Em sua análise, comparou o trabalho realizado por historiadores anteriores, afirmando sua originalidade.

Febvre concluiu que Lutero não queria reformar a Alemanha, nem fundar outra religião, ou mesmo livrar-se da clausura, como outros estudiosos de Lutero afirmaram. Queria fazer com que a Igreja compreendesse os erros que estava cometendo e os corrigisse. Queria que todos soubessem que a salvação não seria pelas obras, mas pela fé. O historiador revelou um Reformador preocupado com que seu povo tivesse acesso à palavra de Deus. Com este objetivo traduziu a Bíblia para o alemão. Neste livro, Febvre faz o leitor viver com Lutero.

Nós não julgamos Lutero. Qual Lutero, de resto, e segundo que código? O seu? Ou o da Alemanha contemporânea? Nós prolongamos simplesmente, até os confins extremos de um tempo presente que estamos mal preparados para apreciar com sangue-frio – a curva sinuosa, e que bifurca, de um destino póstumo.⁹

O fundador da revista *Annales* fez ressurgir Lutero como homem “(...) para integrá-lo em seu tempo, nos marcos mais amplos da história social.”¹⁰ A revista *Annales* foi a divulgadora de uma nova concepção da pesquisa histórica. Com novas abordagens, a visão de tempo histórico foi a grande inovação dos *Annales*. Além disso, pelo uso de fontes variadas, os historiadores que compunham o corpo de editores foram ampliando os horizontes de pesquisa. A obra *Martinho Lutero, um destino*, é um exemplo destas inovações, apesar de ter sido publicada antes da fundação da revista. Febvre não fez uma nova história sozinho. Ele divulgou seu método por entre os historiadores que aderiram à sua forma de fazer história. Historiadores de diversas correntes passaram a fazer história a rigor da revista *Annales*. Febvre possui um estilo literário de escrita, com uma investigação e análise psico-histórica do objeto. Ele envolve o leitor em sua obra, conquista-o, leva-o ao momento do fenômeno, faz com que o leitor tenha suas próprias indagações e responde-as. Febvre foi admirador

do estilo de Michelet. Febvre, um humanista contemporâneo, construiu seu discurso histórico com a beleza literária dos historiadores românticos. Mas utilizando-se das conquistas dos métodos da pesquisa histórica dos séculos XIX e XX.

Notas

- 1 MOTA, Carlos G. *Lucien Febvre: história*. São Paulo: Ática, 1978, p. 11.
- 2 Cf. BRAUDEL, Fernand. “Lucien Febvre e a história”. Trad. de Margarida e Joaquim Barradas de Carvalho. *Revista de História*, 31(64), out./dez. de 1965, p. 402.
- 3 Idem.
- 4 Obra póstuma, resultado de escritos de aula, e esboços do livro. Compilados e editados vinte anos após sua morte.
- 5 Revista *Annales d’Histoire Economique et Sociale*.
- 6 BRAUDEL, Fernand. Op. Cit., p. 402.
- 7 BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. “Escola dos Annales”. In: —. *As Escolas Históricas*. Portugal: Publicações Europa-América, 1990, p. 120.
- 8 ANDRÉ BURGUIÈRE. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 327.
- 9 FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. Portugal: Editora ASA, 1994, p. 272.
- 10 LOPES, M. A. “Estudos e leituras: itinerários historiográficos”. In: —; GREGORY, V. (Orgs.). *O ensino e a pesquisa na Unioeste: realizações e tendências*. Cascavel: Edunioeste, 1998, p. 50.